



**ENTREVISTA COM O PROF. DR. ANTÔNIO ALBINO CANELAS RUBIM  
(IHAC-UFBA)**

**Revista Artífices:** Inicialmente, comente um pouco sobre sua trajetória profissional

**Albino Rubim:** Na minha trajetória existem descompassos entre a formação acadêmica e a vida profissional. Sou formado em Comunicação/Jornalismo e em Medicina/Psiquiatria. Profissionalmente, pouco trabalhei nessas atividades. Logo que me formei, entrei como professor colaborador (temporário) da Escola de Biblioteconomia e Comunicação (EBC) da UFBA para ensinar Cinema, área que sempre me encantou e me envolveu. Pouco depois, fiz o Mestrado de Ciências Humanas e escrevi uma dissertação teórica sobre indústria cultural. Nessa altura, na EBC já ensinava teorias da comunicação. Comecei, então, a fazer pesquisa sobre comunicação e classes trabalhadoras. Pouco depois, recebi um convite para fazer parte do corpo docente do curso de Comunicação que se instalava na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Lá trabalhei em teorias e pesquisas da comunicação e no Mestrado de Ciências Sociais. Fiz doutorado na Sociologia da USP com uma tese sobre políticas culturais. De volta à Salvador e à UFBA me dediquei, além da teoria da Comunicação, ao estudo das relações entre cultura e comunicação na Bahia. Com o retorno da democracia e das eleições presidenciais, passei a me interessar e pesquisar comunicação/mídia e política/eleições. Fui Chefe do Departamento de Comunicação, Diretor da Faculdade de Comunicação por três vezes, e o primeiro coordenador do Mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas. Passei a pesquisar temas culturais, em especial cultura e política e políticas culturais. Ajudei a criar o Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), bem como o Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT), o periódico digital “Políticas Culturais em Revista” e a Coleção CULT. Fui coordenador do CULT. Participei da fundação do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura). Fiz pós-doutorado em políticas culturais na Argentina. Durante todo este período desenvolvi pesquisas para o CNPq,



cada vez mais voltadas para as políticas culturais. Também fui o primeiro diretor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC). Fui presidente do Conselho Estadual de Cultura da Bahia e, a convite do governador Jaques Wagner, ocupei o cargo de Secretário de Cultura da Bahia. Hoje sou professor titular aposentado da UFBA, sou docente no Pós-Cultura e pesquisador no CULT, além de pesquisador sênior do CNPq.

**Revista Artífices:** O que você tem estudado/pesquisado sobre o atual contexto brasileiro?

**Albino Rubim:** Desde o início do século XXI tenho me dedicado a pesquisar políticas culturais no Brasil, sejam em uma perspectiva histórica, sejam as políticas culturais dos governos Lula e Dilma, com destaque para o primeiro. Mais recentemente, estou estudando a atuação político-cultural das gestões nacionais pós-golpe de 2016: Michel Temer e Messias Bolsonaro. Coordenei pesquisas recentes sobre o fomento e o financiamento da cultura no Brasil, em especial nos estados e Distrito Federal; sobre o Plano Nacional de Cultura. Agora coordeno pesquisa intitulada “Mapeamento cultural da UFBA” em fase de conclusão. Para o CNPq comecei a desenvolver uma pesquisa sobre as políticas culturais na América do Sul.

**Revista Artífices:** Como você avalia a construção histórica do processo civilizacional brasileiro, levando em consideração aspectos já mencionados: cultura, trabalho, educação, inovação tecnológica e produção científica?

**Albino Rubim:** Os tempos sombrios em que hoje vivemos expressam de modo significativo a dramática trajetória das tentativas de constituição de algo que se poderia chamar de civilização brasileira. Essa história tem sido ferida por persistentes autoritarismos, imensas desigualdades sociais e grande violência. A marca e a presença da escravidão negra são profundas na história do Brasil. Os segmentos populares são



desumanamente explorados, excluídos e violentados. O genocídio dos povos originários foi e continua sendo brutal, com uma desmedida ampliação no mandato presidencial atual. A escravidão negra foi a maior da humanidade e uma das mais longas da história. Dos 520 anos, desde que fomos invadidos pelos colonizadores, quase 400 anos vivemos sob regime de escravidão negra, com toda sua brutalidade, violência e desumanidade inerentes a ela. O Brasil atual continua marcado pela criminalização dos negros e o racismo das classes dominantes no país, que se impõem à sociedade. A chaga da desigualdade e da exclusão social deprimem as tentativas dos oprimidos, dos explorados e da maioria da população de configurarem no Brasil algum processo civilizacional. O autoritarismo, o caráter profundamente antidemocrático, o espírito colonizado e a defesa de escandalosos privilégios das classes dominantes inibem este processo de construção que tem sido muito difícil e duro. Muita luta será necessária para criar uma nação igualitária, justa, democrática, pluralista, sem privilégios, que respeite e promova a diversidade cultural, preserve o meio-ambiente e permita relações efetivamente civilizadas. Por contraposição a tudo isso, temos dados e movimentos que acenam com vigor para esse processo civilizacional: a criatividade do povo e da cultura brasileira, alguns governos destoantes com as posturas autoritárias, as lutas político-culturais desenvolvidas no país. Neles estão as esperanças efetivas de luta por um país democrático, criativo, justo, igualitário e civilizado.

**Revista Artífices:** Na sua avaliação, o que caracteriza o Brasil contemporâneo?

**Albino Rubim:** Infelizmente, o Brasil atual se caracteriza pela tentativa de implantação de um estado autoritário; pelo aumento da desigualdade social e da exploração dos trabalhadores e assalariados; pela ampliação dos imensos privilégios já existentes; pela transformação da educação, cultura, ciências, artes, universidades públicas, saúde em inimigos da gestão federal; por fundamentalismos religiosos intolerantes; por uma vergonhosa e submissa política de relações internacionais; pela mediocridade terraplanista que ocupa cargos na gestão do estado federal etc. Em suma, por uma



conjunção entre pandemia e pandemônio, derivada da sobreposição de diversas crises: econômica, social, política, ambiental, educacional, cultural e ética. Um governo que tem como projeto uma ditadura ultra neoliberal. Como este projeto ameaça, inclusive literalmente, a vida de grande parte da população brasileira, apesar dos atuais tempos sombrios, ele me parece difícil de ser implantado de modo permanente.

**Revista Artífices:** Partindo desses aspectos - cultura, trabalho, educação, inovação tecnológica e produção científica - quais seriam os avanços e os desafios da formação do nosso processo civilizacional?

**Albino Rubim:** O panorama é complexo, cheio de contradições e tensões que possibilitam sua superação, mas isso requer muitas mobilizações e lutas político-socio-culturais. A questão da luta democrática é central. Não apenas a luta por uma democracia formal, por mais relevante que ela seja para a vida, mas por uma democracia, que além dos processos formais democráticos, seja capaz de assegurar e garantir direitos individuais, políticos, sociais, econômicos, ambientais, comunicacionais e culturais a toda nossa população. A democratização da sociedade é vital, com destaque para alguns poderes visceralmente marcados pelo autoritarismo e controle pelas classes dominantes, a exemplo do legislativo (parlamento), do judiciário, das forças armadas e da mídia. Sem reformas estruturais (agrária, urbana, tributária etc.) e sem a democratização daqueles e de outros poderes não é possível construir um país verdadeiramente civilizado e democrático. Para preservar e promover a rica diversidade cultural brasileira, por exemplo, é vital não só a democratização da cultura, mas também da educação e das comunicações.

**Revista Artífices:** O trabalho de pensar o país tem sido assumido por muitas gerações. Na sua opinião, quais são as reflexões que ajudariam a entender o Brasil contemporâneo?



**Albino Rubim:** Apesar do autoritarismo e da desigualdade estruturais que marcam a sociedade brasileira, os movimentos democráticos e de esquerda conseguiram desenvolver no país um conjunto de reflexões e pensamentos em perspectiva democrática, igualitária, antirracista, antimachista, antihomofóbico etc. Vejam o caso da universidade no Brasil. Ela foi proibida nos tempos coloniais. Com a Independência, as classes dominantes brasileiras não se interessaram em criar universidades. Elas só nasceram no Brasil por volta de 100 anos depois da Independência. No mundo, elas são instituição milenares e, no Brasil, fazem agora seus primeiros 100 anos. Apesar da absurda postura, das classes dominantes brasileiras, contra as universidades públicas, as universidades se desenvolveram bastante nestes 100 primeiros anos. E hoje, com todas as perseguições, elas produzem reflexões críticas e relevantes sobre/para a sociedade brasileira. Aliás, o desenvolvimento delas em tão pouco tempo e em ambiente tão hostil é algo surpreendente, mostra o vigor e aponta esperanças de um outro Brasil bem melhor do que o de hoje.

**Revista Artífices:** Você poderia falar algo mais em relação ao Brasil contemporâneo?

**Albino Rubim:** Creio que cabe reforçar a riqueza da cultura, da diversidade cultural e dos diálogos interculturais no Brasil, apesar da atuação nefasta das classes dominantes brasileiras. Todas as vezes que os movimentos culturais afloraram com criatividade - como nos anos 30, anos 50/60 e anos 2003/2016 - a resposta das classes dominantes foi o autoritarismo contra a democracia e contra a cultura. Em 1966, Stanislaw Ponte Preta / Sérgio Porto publicou livro intitulado Febeapá (festival de besteira que assola o país). Hoje no país de Jesus na goiabeira, da terra plana, da região Nordeste no hemisfério Norte, dentre outras asneiras, seria possível publicar novas versões do Febeapá, além da mediocridade que ameaça a vida do Brasil e dos brasileiros.

**Revista Artífices:** Considerações finais



**Albino Rubim:** Penso que a transformação do Brasil em um país melhor e mais acolhedor para sua população é um processo complexo que envolve todos aqueles e todas as instituições que não estão comprometidas com o atual Brasil de autoritarismos, privilégios, explorações, preconceitos, opressões. Nesse processo, as universidades públicas e os institutos federais de ensino superiores têm um papel muito relevante na luta contra todas essas marcas e contra a mediocridade que assola o país. Penso que a expansão recente do ensino superior público, inclusive para além das capitais e grandes cidades, tem e terá impacto importante na conformação de um país democrático, igualitário e criativo.